

A crônica abaixo saiu em jornal e em vários Sites da Internet:

O TÚMULO DE ALEKHINE

Licurgo Holzmann

Quem hoje vê aquele jovem simpático, inteligente, bem falante, de boas feições e de maneiras finas, jamais poderia imaginar como ele era chato e irreverente quando começou a frequentar o Clube de Xadrez de Curitiba, há uns cinco anos atrás, então aos 14 de idade.

Certa noite, na lanchonete Kanimambo, do chinês Mário, da Rua Comendador Araújo, onde se joga Xadrez, numa rodinha de que faziam parte o Luiz Fernando Valente e o Rui Maranhão, disseram-lhe que eu era fã do Alekhine. Até aí, tudo bem, já que sou mesmo. Mas o problema é que o guri inventou uma frase que eu jamais disse e cada vez que eu me acercava dele, invariavelmente, como quem nada quer, tentava arremedar-me, com uma voz estridente, que não tenho:

– “*Alekhine jogava prá c————!*”

Tanto ele cacarejava, que acabei desconfiando, que a coisa era comigo. Aquela insistência começou a irritar-me.

Certo dia, contei-lhe que havia visto uma foto de alguns dos principais jogadores russos junto ao belo túmulo de Alekhine, em Paris. Para que!? Daí por diante, cada vez que me via, o realejo recomeçava, monótono, com aquela voz propositadamente aguda e irritante, à guisa de imitação:

– “*Meu maior sonho é tirar um retrato no túmulo do Alekhine...*”

Tentei conservar a calma; enfadar-me seria pior. De nada adiantava eu protestar que nunca dissera aquela frase e, além disso, com aquele palavrão, que não costumo proferir. Mas, tantas e tantas vezes papagueou-a que eu tomei uma decisão drástica: – “Já te dou tirar retrato etc.” Embarquei num avião, fui a Paris e dirigi-me o quanto antes ao Cemitério Père Lachaise, onde supunha estar enterrado o meu ídolo, ao lado de Balzac, Chopin, Allan Kardec etc. etc. Ledo engano! Não era lá. Então fui, a pé, ao Cemitério de Montparnasse – cerca de 13 quilômetros de distância, porém no perímetro urbano da maravilhosa Cidade-luz. Tremia, na base, só de pensar na possibilidade de não conseguir atingir meu objetivo!

Em lá chegando, atende-me um funcionário de cor. Ele não devia saber, mas eu tinha que achar a sepultura, de qualquer maneira. Caprichei o mais que pude:

– Bonjour, Monsieur. S’il vous plait, vous pouvez me dire où est la tombe de Alekhine? (Não garanto se está certo, mas foi assim que falei... e ele entendeu!)

Para minha surpresa total, meu interlocutor ripostou:

– O’ Alekhine? Le champion du monde des échecs? (Ou alguma coisa assim...)

– Oui, Oui, Monsieur!

Então ele disse algo que não compreendi, mas sua sinalização, traçando com os braços, no ar, um ângulo reto, não deixava margem a dúvidas.

Em poucos instantes eu estava frente a frente com o majestoso túmulo (*), contendo um relevo, em mármore carrara, de Alekhine jogando, e abaixo do qual, no mármore preto, há inscrições equivalentes em russo e em francês, e ao rés do chão um tabuleiro de mármore branco e avermelhado. Para não haver falhas, e por via das dúvidas, não tirei somente uma foto, porém nove fotos diferentes, que ficaram muito boas, apesar de estar garoando!

De regresso, a primeira coisa que fiz foi entregar pessoalmente ao meu imitador (muito fraco!) a melhor delas com dedicatória e tudo o mais. Longe de se chatear, ele até aceitou tudo muito esportivamente, parou com a brincadeira e tornou-se mais amigo que antes. Quando ele, orgulhosamente, foi exhibir a foto ao pai, o sisudo libanês Soubhi se saiu com essa:

– Meu filho, agora, deu de guardar foto de homem... e de morto também.

O caso virou folclore, mas é absolutamente verdadeiro e o próprio Sopehe Hamad Hamdar (***) o repete por aí, denotando elevado senso de humor.

() Há um ano ou dois, saiu na Internet uma foto do magnífico monumento derrubado e destruído por uma tempestade. Na época a FIDE estava recolhendo fundos para a reconstrução do mesmo. Ignoro o resultado.*

*(**) Bem sucedido na quinta tentativa, cometeu suicídio (mas não por isto!!), em Curitiba, em 22.07.2003, dois meses depois de ter completado 21 anos, tendo nascido também em Curitiba, em 07.05.1982.*

